

CURSO: Deseño e desenvolvemento do Proxecto Lingüístico de centro

SESSÃO 2: QUANTAS LÍNGUAS FALAS TU?

OBJECTIVOS.

- Reflexionar sobre a eco-lingüística e a ética que deve motivar o noso PLC.
- Elaborar um decálogo de boas práticas que guie o noso PLC

Dinâmica 1. Todes falamos. Todes.

Lemos Xurxo Mariño: um trecho de *Unha mente que voa*.

Reflexão 1: a capacidade linguística é aquilo que nos faz humanas. É uma capacidade tão brutal como maravilhosa e poucas vezes nos acorda. A docência de línguas está habitualmente tão instalada no “erro”, na “correção”, que esquece os aspectos quiçás máis interessantes da linguística: a sua relação com as funções neuronais e psicomotrizes, com o pensamento e a sua elaboração, com a perceção do mundo, etc. Façamos reparar ao alunado no bem que falam quando menos uma língua sem ter estudado para isso, porque, sim, todas, todos, todes falamos.

Dinâmica 2. A minha biografia lingüística.

- Material: cartolina e post-it verdes.

Começo eu expondo ao grupo todos os meus contactos com línguas.

A partir de aí cada pessoa faz a sua listagem de línguas e as pomos em comum. Cada língua vai nun post-it e as imos colocando na árvore espida da cartolina.

Reflexão 1: som muitas?, som poucas?, temos em comum?, há as esperáveis?, alguma surpresa?, acorda-nos algum contacto linguístico após escutar às companheiras? O importante: alguma vez (nos) perguntamos quantas línguas há na sala de aulas, na escola?

Reflexão 2: devemos superar o mito da **Torre de Babel** e da diversidade como castigo ou maldiçom. Substituamos pola **árvore ou Éden arvorado** que nos proporciona sombra, alimento, combustível, cantos de passaros.

Dinâmica 3. Só conhecemos un inglés?

Post-it doutra cor.

Ampliamos o conceito de variedade: variedade interna da língua. Nas línguas da árvores: estivemos em contacto com uma maneira única delas, ou com variedades e registos diferentes? Reconhecer os traços geográficos, sociais, etc.

Lemos luz Pichel: Vegetalia, de *tra(n)shumancias*

> *Cativa en su lughar/Casa Pechada*

Poema prólogo

Al animal

Un animal, un gato, un ghato,[1]
 dos córneas, dos cortes verticales frente a lo hondo,
 lo fondofondo, la noche, la noiteneghra.
 A la nochenegra yérguese, animalito,
 espeta sus dos patas en el Alto das Penas,
 yérguese y mira para la casa que fue de su amo,
 qué fue de su amo,
 lo hondo allá hondo qué es
 quéjase, laia[2], es
 un cadelo[3] adolientado,
 una sombra longa
 una sombra un hilo
 —
 un filo negronegro
 un filo neghroneghro,
 clávasele a una de por vida
 clávasele a cualquiera de por vida y va a haber que matarlo
 va a haber que matarlo
 va a haber que lo matar.
 —

[1] *Gh* de *house*, de Hölderling también, creo. De zueco, de maza, de Alén (eso es seguro), de costurera, de neno, de paleta, de ghallinero, de albañil, de labrador, de amar, de armar, de amor, de todo lo que no cuenta. Gh, gheada, [h]eada, [h]allinero, [h]ato, a[h]ua.

[2] *Laiar* es dolerse de los perros con sus vocales, por trabajo, por carestía, por contusión, por luto. O por honra de territorio violentado. Gh de can. Todo lo que al cuerpo golpea regístralo el idioma y su *laio* es un rastro sonoro que dura, más que el tiempo y más que su dibujo.

[3] *Cadelo* coma niño-can, aprendiz de can, perro en edade de soltarse a dar la gente con el ladro. Instrúense también en averar la pelotina, dar bien la mano con humildade, tirarse a capricho del amo y repetir. El cadelo de can de raíz carga en su cuerpo, como de nacimiento, el respeto, la protección y las señas de la tribo, el clan de la gh.

<https://torrepoetico.wordpress.com/2017/01/30/luz-pichel/>

Reflexão 1: Superar a interferência como erro e passar a concebi-la como o habitual, o normal quando há contacto entre línguas. Ao tempo, visibilizar a variedade, perguntamos ao nosso alunado canário, colombiano, carnotão como se diz qualquer cousa no seu lugar? Damos por feito que o

alunado estrangeiro de fala espanhola não tem problemas de adaptação linguística? Associamos a língua do nosso alunado à “língua nacional” do país de onde provêm?

Reflexão 1: Na eleição do padrão de uma língua subjaz, sempre, a questão de quem tem o poder para decidir que é bom falar, que não é bom. Todos os estândares são artificiais e decididos por uns alguéns, habitualmente de classe alta, masculina e branca. Isso questiona na sua escrita Luz Pichel: ela dá voz às subalternas da sua família: as galegas pobres e migrantes, essas que falam castrapo. Não façamos do padrão palavra de deus.

Dinâmica 4. Sobre o eurocentrismo.

Actividade do livro de Teresa Moure, *Ecolinguística*.

Reflexão 1: o nosso conhecimento da variedade lingüística é limitado. Quase só conhecemos línguas indoeuropeias e são as que temos como modelo.

Dinâmica 5. Topicalia.

Não deu tempo a fazer esta dinâmica. Acho que era interessante para adentrar-nos nos preconceitos sobre as línguas que ainda estão estendidos entre a povoação e que não devemos deixar que interfiram no labor docente.

Barómetro de valores coas seguintes afirmações.

1. Temos que eliminar o estudo da sintaxe das sessões de língua.
2. Se a conhecemos, devemos mudar-nos à língua do nosso interlocutor, por educação.
3. O estandar duma língua está por cima de localismos e regionalismos.
4. São as línguas mais aptas as que sobrevivem.
5. O útil é aprendermos línguas com milhões de falantes.
6. Para ser considerado idioma, um dialeto dever ter gramática e dicionário.
7. Há línguas que não estão preparadas para serem línguas de ensino, cultura ou investigação.
8. As variedades nos estândares duma língua devem ser permitidas nas escolas.
9. O único triste na morte da última falante duma língua é a morte da pessoa.
10. O sexismo da linguagem não é assunto linguístico mas político.

Dinâmica 6. Os ricos têm cultura. Os pobres têm folclore.

Tinha a ver com a dinâmica 3 e não chegamos a fazê-la. Trazia um poema da poeta negra e da Costa Rica em que reclamava o uso da palavra e clamava fazê-la sua. Pretendia reflexionar sobre a questão do poder e a subalternidade¹.

Lemos Shirley Campbell Barr.

REFLEXOM: A língua como poder, como marca de classe e capital. A língua como instrumento de opressão, de subversão.

1 O termo de **subalternidade** desenvolveu-no a filósofa índia Gayatri Spivak no artigo *Pode falar a subalterna?* do que tendes um resumo aqui: <http://www.asega-critica.net/2014/06/gayatri-c-spivak-incomodadora-do.html>

Dinâmica 7. Decálogo ético.

Ficou de deveres para cada uma das vossas escolas. A ideia: uma listagem de atitudes básicas (a poder ser em positivo) que devem guiar o tratamento das línguas nos nossos centros e na nossa atividade docente.

Elaboramos o Decálogo ético para o nosso PLC.

SESSÃO 2: FALAR GALEGO? NO VEO POR QUÉ

Intro. O copo cheio ou vazio.

Carlos Callón: <https://youtu.be/CeNabcM47yA>
<https://youtu.be/rPijtzDntZA>

A reflexão: não gastemos tempo em estatísticas. A situação do galego é mã: perde falantes de década em década. Temos o copo meio cheio: de veneno. Porém, como dizem os Chévere, “o futuro não é o que vai passar, mas o que queremos fazer”. E nós podemos decidir se queremos animar à gente a beber do copo venenoso ou fazer-lhes ver o veneno e procurar o antídoto.

Dinâmica 1: Belén Regueira: manual de autoaxuda para neo falantes.

<https://www.youtube.com/watch?v=IozXGh5jh-c>

Dividimo-nos em três grupos: castelhano-falantes (que vos dificulta falar galego?), galego-falantes (que impedimentos tedes na vida diária para falar galego?) e saltimbanquis (que faz que mudedes de língua com um/a interlocutor?). Comentamos a nossa experiência com respeito á língua galega partindo da pergunta base da moderadora. Compartimos com o grupo.

Reflexão 1: as nossas experiências são diversas com respeito à língua, mas em todas se manifesta a força do entorno para nos animar a falar galego ou para botar-nos para atrás. Por isso o nosso objetivo nas escolas devemos fazer por criar um entorno favorável à prática da língua.

Reflexão 2: acabamos de pôr em prática uma dinâmica de trabalho que nos pode ajudar no processo de diagnose do nosso centro: os grupos de discussão. Grupos homogêneos entre eles em que as pessoas expõem as suas opiniões, certezas e incertezas sobre questões previamente marcadas pola moderadora. Pode servir-nos para melhor detetar preconceitos e medos sobre a língua.

Dinâmica 2. Há algo entre non falar e falar galego?

Conhecemos o termo galegocalante. <https://www.youtube.com/watch?v=OfyQ6LrWpzk>

Reflexão 1: concordamos com o conceito de Carlos Callón? Acharo-lo útil para o nosso PLC? Deveriam ser, galego-calantes e galego falante o nosso objectivo primeiro: aos primeiros animá-los ao uso da língua galega, aos segundos, reforçá-los para que não a abandonem.

Reflexão 2: podemos classificar o nosso alunado em

GALEGO-ODIANTE > GALEGO-CALANTE > NEO-FALANTE > GALEGO-FALANTE

Nas nossas turmas abundará mais um tipo ou outro. Devemos detetar que tipo e em que percentagem na diagnose que façamos prévia à elaboração do PLC. O objetivo? Que as falantes vão ascendendo na escala e mudando de um grupo a outro superior.

Dinâmica 3: Instruções para animar a falar galego.

Visionamos esta peça inspirada no Made in Galicia, de Séchu Sende:

<https://youtu.be/3oMw5Mob8PM>

A reflexão 1: faz mais o humor que a guerra.

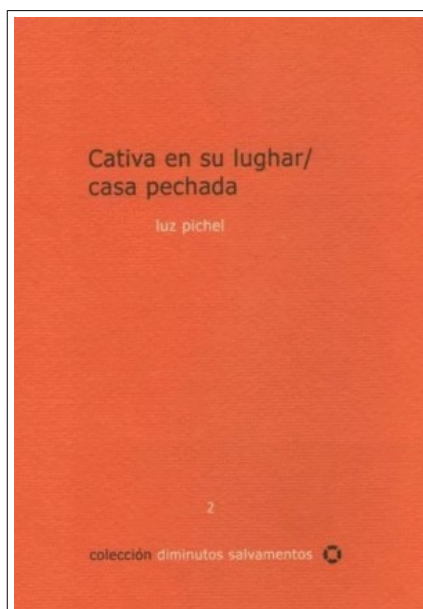
PROPOSTA: Manual de boas práticas para que a escola anime ao uso do galego.



ESCOLA ACOLHEDORA: como é?

BIBLIOGRAFIA







**FALAR GALEGO:
“NO VEO POR QUÉ”**

Aproximación cualitativa á situación
sociolingüística de Galicia

Ana Iglesias Álvarez

XERAIS



Do estigma á estima
Propostas para un novo discurso lingüístico
Valentina Formoso Gosende



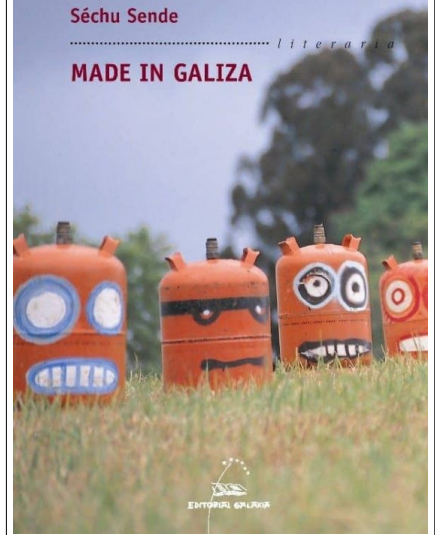
XERAIS

LINGUA

Séchu Sende

MADE IN GALIZA

literaria



EDITORIAL GALLINHO

**BRIGITTE
VASALLO**
**LENGUAJE
INCLUSIVO
Y EXCLUSIÓN
DE CLASE**

LAROUSSE